
Narrativas sobre a natureza na voz de crianças quilombolas da Ilha de Marajó

Narratives about nature in the voices of quilombolas' children from Ilha de Marajó

Tatiana Cristina Vasconcelos Maia
Carlos Aldemir Farias da Silva
Universidade Federal do Pará (UFPA)
Belém-Pará-Brasil

Resumo

Este artigo é resultado parcial de uma pesquisa de doutoramento em Educação em Ciências desenvolvida com um grupo de crianças no município de Salvaterra, Ilha de Marajó, Pará, em especial na comunidade quilombola de Boa Vista. Objetiva compreender a relação que as crianças estabelecem com a natureza na comunidade quilombola mencionada. A questão central da pesquisa é sobre as narrativas que as crianças quilombolas expressam acerca da natureza da comunidade de Boa Vista. A metodologia pauta-se por uma abordagem qualitativa, do tipo documental e de campo, com as técnicas de pesquisa observação participante, entrevistas, rodas de conversas e registros de imagens. Uma outra técnica, bastante aceita pelas crianças, foi a utilização do “caderno viajante”. Os resultados apontam que as crianças quilombolas, antes mesmo de ingressarem na escola, expressam saberes sobre a natureza nas suas brincadeiras e apresentam uma relação de bem-viver com o meio à sua volta, ou seja, com a mata, os rios e demais seres vivos que fazem parte do cotidiano natural em que estão inseridas.

Palavras-chave: Narrativas; Natureza; Voz das crianças quilombolas.

Abstract This article is the partial result of doctoral research in Education of Science developed with a group of children in the Marajó Island region, Pará, especially in the Quilombola community of Boa Vista, in the municipality of Salvaterra. It aims to understand the relationship that children establish with the nature in the quilombola community mentioned. The research's central question is about the narratives that quilombola children express about nature in the community of Boa Vista. The methodology is based on a qualitative, documental, and field approach, with research techniques, participant observation, interviews, conversation circles and image recording. Another technique, widely accepted by the children, was the use of the “traveling notebook”. The results show that quilombola children, even before entering school, express knowledge about nature on their games and have a good relationship with the environment around them, in other words, with the forest, the rivers and other living beings that are part of the natural daily life in which they are inserted.

Keywords: Narratives; Nature; Voices of quilombola children.

1. Introdução

Este artigo é um recorte de uma pesquisa de doutoramento que vem sendo construída desde 2020, no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências da Universidade Federal do Pará. As motivações para o trabalho assentam-se na temática da infância quilombola numa comunidade localizada no município de Salvaterra, no Arquipélago do Marajó, estado do Pará.

O trabalho de pesquisa com crianças, seja em contexto urbano, seja no rural, nos impulsiona a entender suas compreensões sobre diferentes aspectos. Aqui, focamos nas suas narrativas e interações acerca do meio natural, na comunidade quilombola de Boa Vista. As narrativas das crianças quilombolas e o que elas fazem em relação aos saberes da natureza, a partir de suas próprias práticas na comunidade, são aspectos que despertam o nosso interesse em conhecer, contar e interpretar um pouco das suas vivências na Ilha.

A questão refere-se ao que as narrativas das crianças quilombolas de Boa Vista expressam acerca da natureza. O objetivo é compreender e interpretar a relação que essas crianças estabelecem com a natureza circundante.

Como etapas da investigação, inicialmente, estabelecemos contatos com as lideranças da comunidade e com os responsáveis pelas crianças para solicitar a autorização da sua participação, mantendo os cuidados éticos da pesquisa com pessoas. A legitimidade desses procedimentos foram consensuados por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, assinado por eles. O documento esclarece os objetivos, a metodologia desenvolvida com as crianças e solicita a autorização para o uso de imagens e informações das quatro professoras que participaram da articulação e da mobilização com as crianças nos momentos da pesquisa de campo. Um total de 22 crianças, sendo 13 meninas e 9 meninos na faixa etária de 6 a 12 anos de idade, fizeram parte da pesquisa. Eles foram divididos em três grupos, organizados conforme o planejamento para cada etapa da pesquisa. Aqui, neste artigo, trabalhamos com 3 crianças.

A pesquisa pauta-se por uma abordagem qualitativa, do tipo bibliográfico e documental, além de uma pesquisa de campo, em que foram aplicadas técnicas de imersão no mundo das crianças, entre as quais: rodas de conversas, histórias contadas, criadas e estruturadas em situações de sociabilidade e interação que promovessem a livre expressão. Por vezes, fizemos uso de desenhos, oficinas de materiais, entrevistas

individuais e coletivas, fotografias, gravações de áudios e observações diretas acompanhadas de registros pessoais no caderno viajante.

O caderno viajante foi uma estratégia desenvolvida para facilitar o contato permanente com as crianças durante a pesquisa e estabelecer um meio de interação e comunicação para construção das atividades. Essa técnica foi colocada em prática em virtude da pandemia de Covid-19. Devido à pandemia, o contato presencial com a comunidade foi restrito e a utilização do caderno viajante possibilitou o contato com as crianças para realização das atividades que continham suas narrativas. Assim, o caderno viajava entre Belém e o Marajó, levando e trazendo narrativas sobre os vários temas propostos.

Consideramos que desvelar e valorizar a produção das interpretações que as crianças expressam cria possibilidades de conhecer os itinerários de construção cognitiva das crianças quilombolas de Boa Vista. A partir daí, abrem-se múltiplas portas para adentrar o universo infantil quilombola e, dessa maneira, aprender com as crianças os caminhos sobre a natureza e os saberes.

2. A Ilha de Marajó, Salvaterra e o Quilombo Boa Vista

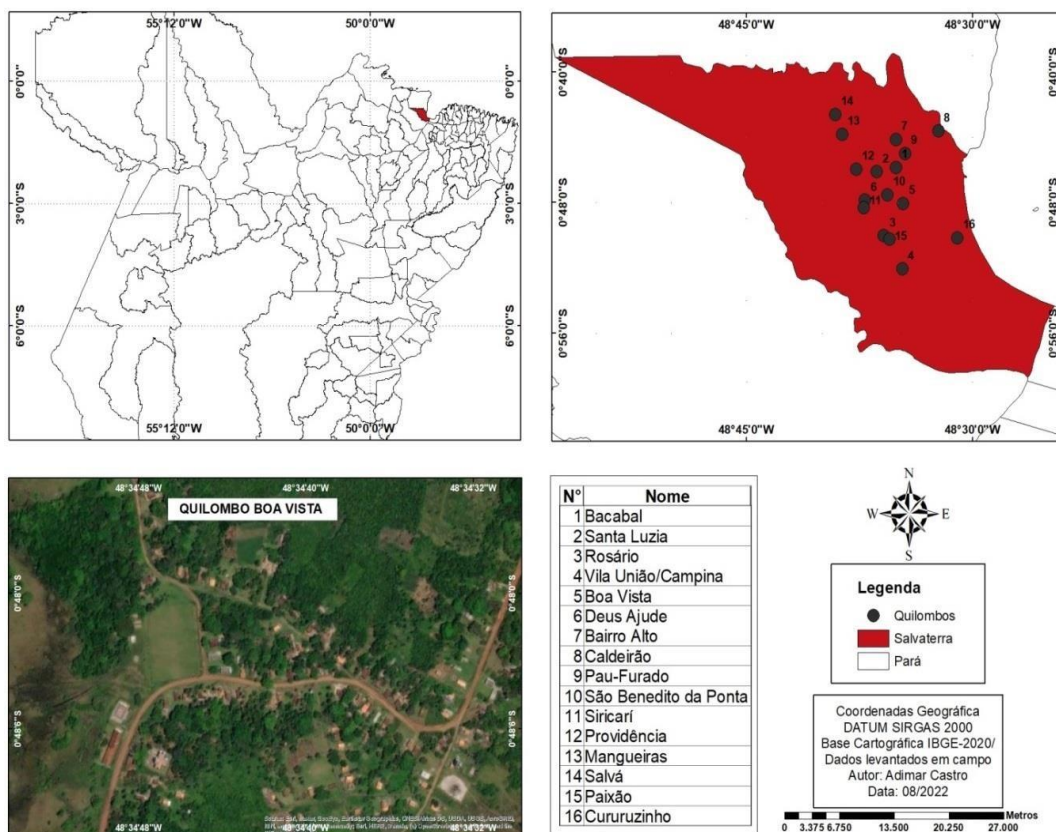
O arquipélago do Marajó é considerado o maior conjunto de ilhas flúvio-marítimo do mundo – possui 16 municípios, com uma população estimada em cerca de 557 mil habitantes. De acordo com o radar de indicadores das Regiões de Integração/2019, produzido pela Fundação Amazônia de Amparo a Estudos e Pesquisas (Fapespa), a partir de dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de 2019, o município de Salvaterra possui uma extensão territorial de 1.039 quilômetros quadrados, com uma população aproximada de pouco mais de 23 mil habitantes.

As diversas pesquisas documentais mostram que a colonização da Ilha, como em grande parte do estado do Pará, ocorreu em vários momentos por forte influência dos padres jesuítas. No Marajó, a colonização teria iniciado, especificamente, no ano de 1680, com a introdução do gado trazido de Cabo Verde. Os índios Aruã eram utilizados como mão de obra, mas já que não estavam habituados a esse tipo de trabalho forçado, foram substituídos por pessoas que vieram do continente africano e que foram escravizadas pelos colonizadores portugueses.

Narrativas sobre a natureza na voz de crianças quilombolas da Ilha de Marajó

A sua economia é baseada na criação de gado nas fazendas, assim como na maioria dos municípios do arquipélago do Marajó. A agricultura se faz presente pelo plantio e cultivo de coco, feijão, mandioca e, principalmente, do abacaxi, que se destaca na produção estadual. Esses são produtos do extrativismo que garantem a sobrevivência das comunidades que formam o município, que possui cerca de 17 comunidades remanescentes de quilombos. Boa Vista, lugar onde este estudo vem sendo realizado, é uma dessas comunidades, conforme o mapa (figura 01).

Figura 01: Localização do território quilombola de Boa Vista no município de Salvaterra no estado do Pará/Brasil.



Fonte: Elaboração dos autores, 2022.

A formação da comunidade de Boa Vista teve início com a necessidade de sobrevivência das pessoas que eram escravizadas nas fazendas da região, que foram traficadas da África para o estado do Pará. Muitos conseguiram fugir do chicote dos feitores, saindo das grandes fazendas e chegando de jangadas à Ilha de Marajó. Chegaram às margens do rio Matupirituba e, de lá, embrenharam-se na mata, em diferentes lugarejos, iniciando a formação de pequenos povoados ou sítios.

Trabalhar com as crianças da comunidade quilombola mostra-se um ato de valorização da produção de conhecimentos e de experiências realizadas por elas, visto que, as crianças também são sujeitos de voz e de cultura, portanto, passíveis de proporcionar investigações. Loureiro (1995, p. 391) tem um extenso trabalho sobre a cultura amazônica e, justamente nessa perspectiva, possibilita um entendimento sobre a região, a considerar que “a cultura amazônica, herança transmitida de geração a geração, é partilhada pelos membros da sociedade regional, para constituí-la nesse mundo de águas e florestas”.

Nas imagens a seguir (figuras 02 e 03), é possível conhecer aspectos da comunidade de Boa Vista.

Figura 02 - Comunidade de Boa Vista.



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2022.

A importância de situar a Amazônia e as práticas socioculturais que são desenvolvidas com as crianças nesse espaço nos permite o entrelaçamento da cultura e dessas práticas que são desenvolvidas nas comunidades tradicionais, em especial, pelos quilombolas.

As casas da comunidade, na sua maioria, possuem quintais com árvores frutíferas e são feitas de madeira, barro e alvenaria. Muitas possuem um forno de farinha de mandioca que serve para a produção e consumo próprio de um alimento que faz parte do hábito dos moradores da região amazônica. Esse espaço é também denominado de casa de forno.

Figura 03 – Forno de farinha de mandioca



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2020.

A comunidade de Boa Vista vem, ao longo dos anos – especificamente, a partir de 2012 –, realizando um trabalho com professores e alunos de reconhecimento das práticas socioculturais. Segundo Mendes e Silva (2017, p. 104), “a cultura, como conjunto de saberes, fazeres, regras, crenças, estratégias e mitos, se expressa pela diversidade, criatividade, inovação, sempre inacabada. Somos marcados pela unidade e diversidade da cultura”. Dessa forma, é preciso que a escola trabalhe no âmbito dessa diversidade cultural e étnica (MENDES; FARIAS, 2014).

No memorial de Boa Vista, estão registrados a história e a memória da comunidade remanescente do Quilombo de Boa Vista, onde entenderemos a relação dessas histórias com a identidade cultural quilombola da região. Essa relação nos leva a compreender a memória e as histórias contadas pelos moradores da segunda geração do Quilombo, considerados os guardiões das tradições vivas, pois suas histórias confundem-se com a da própria comunidade.

Dentre os mais antigos moradores, temos o senhor Laurêncio Pereira Pinho, de 83 anos, também conhecido como “tio Lôro”, e a senhora Sílvia Nascimento, de 86 anos. Os dois relatam sobre a formação do Quilombo de Boa Vista, e as tradições, porque são os mais antigos moradores da comunidade. São pessoas que fazem parte da história local e que são valorizadas pelas crianças e pelos adultos. São aqueles que representam a tradição e resistência e “ajudam a levantar questões referentes aos aspectos da migração; do lugar de origem e dos movimentos de trânsito social entre o espaço urbano e o rural” (FARIAS, 2006, p. 107).

Como os demais territórios, Boa Vista guarda características de um lugarejo pacato, com poucas casas, uma igreja e uma única escola. Os moradores vivem na simplicidade presente nas comunidades tradicionais. Possui uma herança cultural bastante acentuada em função das influências de seus primeiros habitantes, em sua maioria, constituídos por indígenas, escravizados e colonizadores, donos das fazendas de criação de búfalos. Eles lembram que, no entorno das casas-grandes, se reuniam à noite, em volta de fogueiras que os aqueciam e traziam à tona as lembranças de seus rituais de dança e música. Até hoje, alguns antigos moradores guardam essas lembranças.

Na comunidade de Boa Vista, os mais idosos contam como eram aqueles tempos, sempre se referindo à uma época de sofrimento, necessidades e escassez. Na voz das crianças, se observa resquícios dessas histórias, repassadas pelas narrativas dos mais velhos e que permeiam a voz e a memória. Segundo Zumthor (2010), esse tipo de lembrança nos traz à tona a função essencial das tradições orais na construção do indivíduo. O autor afirma que: “ninguém sonharia em negar a importância do papel que desempenharam, na história da humanidade, as tradições orais. As civilizações arcaicas e muitas culturas das margens ainda hoje se mantêm graças a elas” (ZUMTHOR, 2010, p. 08).

3. As crianças e a sua relação com a natureza

Ao realizar as rodas de conversas com as crianças de Boa Vista, o ouvir foi sempre atento, valorizando as suas narrativas, considerando que a fala da criança ainda é subalternizada, vista como “infantil”, cheia de elementos “fantasiosos”. A intenção das rodas de conversas foi desvelar a ideia que a criança exprime na sua relação com a natureza, ou seja, com o meio natural à sua volta.

Na verdade, temos bastante o que aprender com as crianças e isso tem sido fundamental para a construção e compreensão que vem sendo realizada durante a pesquisa de doutoramento em tela sobre suas narrativas acerca da natureza. A criança tem uma voz latente, permeada por simbolismos, conexões e interpretações sobre o que vive e constrói no seu pensamento, no seu imaginário.

Ao falar de “infâncias”, o destaque para a palavra no plural é de extrema relevância. Existem várias infâncias, a urbana e a do campo, por exemplo. A infância do campo, na qual situa-se o nosso estudo, subdivide-se na ribeirinha, na indígena, na dos assentamentos, na

periférica e na quilombola, entre outras. Para cada uma delas, um conjunto de aspectos irão variar de acordo com as questões sociais, econômicas, culturais, religiosas etc.

A infância quilombola, tratada aqui, refere-se à forma de viver e de se relacionar com a natureza, as brincadeiras, as histórias, as crenças, ou seja, a relação estabelecida da criança quilombola marajoara da comunidade de Boa Vista com o mundo social e natural. O recorte e a delimitação fazem-se necessárias para reafirmar a concepção de infâncias em territórios e contextos diferentes, “nesse sentido, a infância é formada por sujeitos ativos competentes, com características diferentes dos adultos” (NASCIMENTO, 2011, p. 41).

A partir do processo educativo que ocorre nas famílias, constata-se que o aprendizado das crianças não se restringe ao espaço escolar, uma vez que as lições de vida são repassadas por seus pais, que as receberam de seus avós e assim sucessivamente.

Nas narrativas passadas de pais para filhos, estão presentes os saberes da tradição, repassados de geração a geração. Tais saberes são problematizados por Almeida (2017, p. 14) como extremamente relevantes, sobretudo para as sociedades que se orientam a partir desses saberes. Para a autora, “não basta religar áreas disciplinares internas ao conhecimento científico, sendo necessário aproximar domínios de saberes identificados como opostos e contraditórios por força de um processo civilizacional pautado pela monocultura da mente”. É urgente que essa religação entre saberes científicos e da tradição seja efetivada para que se construa de fato um saber múltiplo e diverso, em benefício do indivíduo. Da mesma forma, é necessário compreender que o conhecimento humano está enraizado na cultura.

Corroboramos com a ideia da defesa da construção de saberes por meio de uma educação transmitida entre várias gerações. Considerar esses saberes repassados de pai para filho abre uma nova janela no mundo escolar, mas isso tem sido um desafio para o campo científico. A quebra desse paradigma inspira a pesquisa dos saberes de crianças quilombolas para além da escola, ou seja, daquilo que as crianças aprendem na escola.

Perceber os processos educativos que ocorrem na família e na comunidade são vertentes que precisamos considerar para compreender o que é construído pelas crianças nas suas relações com a comunidade, com os adultos e com elas próprias. A dialogicidade sustentada por Freire (1987) nos alerta para a importância das relações que fortalecem os processos educativos como um ato político.

4. Análises das narrativas das crianças

Os resultados do estudo apontam que as crianças quilombolas constroem uma relação forte com a natureza. Mirella, de 9 anos, enfatiza: “*Embaixo do rio tem um jacaré gigante que de noite se transforma em um homem todo de branco e sai passeando na estrada. Meu tio já viu quando ele passou na moto*”.ⁱ

Segundo Loureiro (1995), estudioso desse rico imaginário amazônico, as “nossas encantarias são como o olimpo da Amazônia”, ou seja, para ele nossos deuses estão no fundo do rio, o olimpo são os nossos rios, pois é onde estão guardados os nossos encantados. Esse imaginário está presente nas narrativas das crianças com quem temos convivido nos últimos meses.

Ao tratar das narrativas das crianças e da sua relação com a natureza procurou-se fazer uma interpretação por meio das experiências vivenciadas durante o contato dos pesquisadores com a comunidade, tomando como base a teoria da complexidade, de Edgar Morin. É importante destacar que, para além do que foi observado, foi fundamental ouvir não apenas as crianças, mas também as pessoas com quem convivem, como seus familiares, professores e pessoas da comunidade.

As crianças brincam nos quintais de suas casas, tomando banho nos igarapés, subindo em árvores ou mesmo ajudando os pais em alguma tarefa, como ir buscar os búfalos no pasto ou pegar água no poço. Jeovani, de 12 anos, leva antes das 7 horas da manhã os búfalos que seu avô cria no pasto e, ao final da tarde, quando sai da escola, recolhe os animais do pasto. A figura 04 mostra Jeovani montado em um cavalo, retornando do pasto, após levar os búfalos.

Figura 04: Jeovani montado em um cavalo.



Fonte: arquivo da pesquisa, 2021.

Ele conta que faz isso desde os 10 anos e atualmente, com 12, consegue sozinho fazer bem essa atividade. “Eu cuido dos bois, pois moro com meus avós que já estão meio velhos. Eu gosto de fazer isso e os bois já me seguem”ⁱⁱ. É uma declaração forte sobre o cuidado e a relação com os animais, as plantas e os rios, pois entende a relação que a atividade tem com a sua própria sobrevivência. Uma das vivências realizadas com as crianças na pesquisa de campo envolveu a “História do Tigeleiro”, uma árvore centenária da comunidade de Boa Vista. A árvore, se relaciona com o início da comunidade.

A história do Tigeleiro

Lenda: A galinha e sete pintinhos.

Há algum tempo atrás às pessoas mais antigas da comunidade contam que debaixo do Tigeleiro, nas horas mortas, de meio-dia e seis horas da tarde, aparecia uma galinha com sete pintinhos amarelinhos.

Os antigos contam que ao passar no caminho ao lado do Tigeleiro, nesses horários, quase sempre a galinha com seus filhotes passavam na frente das pessoas correndo e se escondiam de baixo da árvore. Só que ninguém podia mexer com eles. Se caso uma pessoa mexesse com a galinha e seus pintinhos, a pessoa adoeceria. E só tinha uma maneira de se curar, fazendo um trabalho de benzeção.

Trabalhamos o dia da árvore a partir do Tigeleiro dessa árvore centenária do Quilombo de Boa Vista. Exploramos a lenda local que ocorria de baixo dessa árvore, resgatando a importância dessa árvore para a cultura quilombola local. Visitar ao Tigeleiro com às crianças, onde elas vão coletar sementes desta árvore para trabalhar conteúdos de matemática na escola. Também alguns professores levam os alunos para estudar lá de baixo dessa árvore. (Maria das Dores, moradora da comunidade de Boa Vista, 2021).

A figura 05 apresenta uma das narrativas em forma de desenho que faz referência à “História do Tigeleiro”.

Figura 05 - Desenho sobre a lenda do Tigeleiro

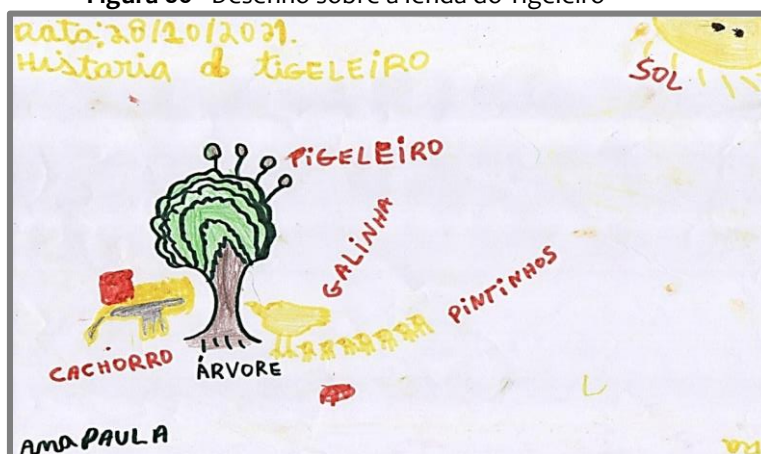


Fonte: Pesquisa de campo, 2021.

Solicitamos que a aluna Mirella nos explicasse o que havia desenhado sobre a lenda do Tigeleiro. Ela nos respondeu: “Esse aqui é o Tigeleiro, o cachorro, a galinha com os sete pintinhos dela e eu fiz aqui o sol e uma nuvem”.

Nas narrativas oral, escrita e imagética de Mirella, é possível perceber que ela mostra propriedade para expressar os saberes que possui sobre a história da árvore do Tigeleiro e a sua marcante relação com a natureza. A seguir temos o desenho da aluna Ana Paula (figura 06).

Figura 06 - Desenho sobre a lenda do Tigeleiro



Fonte: Pesquisa de campo, 2021.

Quando indagamos: *Como é a História do Tigeleiro?* Ana Paula respondeu: *Era uma vez uma árvore e o nome dela é Tigeleiro. Debaxo dessa árvore no horário de meio dia e seis horas ficava a galinha, o cachorro. Quem passava lá e mexesse, ficava doente, tinha que mandar fazer um trabalho na benzedora, aí fim, acabou!*

A evidência dos saberes socioculturais sobre as práticas históricas da comunidade, que envolvem o imaginário amazônico, as cosmologias e a natureza estão presentes na narrativa imagética e oral de Ana Paula. Ela destaca os conhecimentos que têm sobre os aspectos históricos e nos mostra que os conhecimentos sobre a natureza estão presentes no seu cotidiano e são apreendidos nos processos educativos que ocorrem na família ou mesmo nas brincadeiras na comunidade.

No contato com as crianças e nos registros nos cadernos viajantes, podemos observar que, dentre esses saberes, os cuidados com o plantio, a criação de animais e a relação destes entre si, para e com as crianças, ficaram evidentes.

É inegável a contribuição das comunidades tradicionais para o fornecimento de alimentos da agricultura familiar, livre de agrotóxicos, capazes de alimentar sem causar prejuízos para a saúde. Os mais velhos ensinam as crianças a cultivar os alimentos, respeitando os valores para cultivar e mexer com a terra, plantar seu próprio alimento e, dessa maneira, perpetuar saberes nas futuras gerações. Da mesma forma, contribuem para o abastecimento de alimentos saudáveis nas cidades.

A relação com a água, com os rios e marés é marcante nas práticas das crianças quilombolas de Boa Vista. Elas brincam no Igarapé e fortalecem seus laços de identidade com seus pares, além de estimular suas práticas corpóreas com os movimentos dentro da água.

Figura 07 - Banho de igarapé



Fonte: Arquivo da pesquisa, 2021.

Na imagem do banho de igarapé (figura 07), as crianças demonstram a interação com a natureza, especialmente com a água. Essas relações são simbióticas, realizadas diariamente com as atividades que estão acostumadas a realizar, como levar os animais para as roças e plantar.

As formas de interação entre as crianças e a água destacam o cenário do cotidiano da comunidade. Estimulam e fortalecem as suas compreensões de mundo, nutrem o imaginário e a fantasia, interligando os saberes da tradição e os científicos/escolares, além de estabelecer diálogos com a comunidade, seus espaços e suas atividades. Segundo Loureiro (1995), existe uma relação de “maravilhamento” entre o homem amazônico e a natureza, que vive cercado pela floresta, pelos rios, pelos mitos. “A identificação com a paisagem propicia uma natural aderência física e moral à terra. Conseqüentemente, a

paisagem complementa a personalidade atendendo às íntimas necessidades do indivíduo” (LOUREIRO, 1995, p. 148).

5. Considerações finais

Foi possível compreender, por meio da pesquisa, a relação das crianças da comunidade quilombola de Boa Vista com a natureza. As atividades e as vivências desenvolvidas com as crianças foram momentos de aprendizado e descobertas que nos levaram a concluir que as crianças quilombolas têm um grande conhecimento sobre a natureza e que são os mais velhos que ensinam os mais novos, em uma relação de fortalecimento da identidade sociocultural quilombola.

Em vários momentos, foi possível perceber que o aprendizado sobre plantações, tratamento do lixo, cuidado com a floresta e os rios estão presentes no dia a dia de suas vidas, desde a infância até a fase adulta.

As crianças expressam saberes ambientais que lhes foram repassados pelos pais e avós. O cuidado com o quintal medicinal, plantado pelas avós, também passa a ser um saber que elas desenvolvem ao longo da vida. Saber qual a melhor fase da Lua para plantar maniva ou o tempo de chuva mais propício para irrigar a roça também são conhecimentos das crianças, evidenciados no estudo.

A pesquisa permitiu analisar a importância de valorizar os saberes e a necessidade de aproximar os conhecimentos científicos/escolares ensinados para as crianças, daquilo que surge de suas narrativas. A partir dos conhecimentos das crianças, é que a escola pode ampliar as possibilidades de valorizar o que elas já sabem, o que aprenderam no cotidiano de suas casas e nas relações que estabeleceram com os mais velhos da comunidade no meio natural em que vivem.

Defendemos que a construção de possibilidades de aprendizagens que leve em consideração esses saberes (tradicionais e científicos/escolares) é um modo de valorizar as sabedorias tradicionais. Dito de outro modo, é a junção dos saberes da tradição com os científicos/escolares, em sua completude, entrelaçados pelas experiências vividas pelos mais velhos e compartilhadas com as crianças, seja no campo, seja na cidade, que levaria à uma formação plena.

Referências

ALMEIDA, Maria da Conceição de. **Complexidade, saberes científicos, saberes da tradição**. 2. ed. revista e ampliada. São Paulo: Ed. Livraria da Física, 2017.

FARIA, Ana Lúcia Goulart de; FINCO, Daniela (org.). **Sociologia da Infância no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2011 (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo; 102).

FARIAS, Carlos Aldemir. **Alfabetos da Alma: histórias da tradição na escola**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades: dados populacionais**. Brasília: IBGE, 2010. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/salvaterra/pesquisa/36/30246>>. Acesso em: 23 out. 2019.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura Amazônica: uma poética do imaginário**. Belém: CEJUP, 1995.

MENDES, Iran Abreu; FARIAS, Carlos Aldemir (org.). **Práticas Socioculturais e Educação Matemática**. São Paulo: Ed. Livraria da Física, 2014 (Coleção Contextos da Ciência).

MENDES, Iran Abreu; SILVA, Carlos Aldemir Farias da. Problematização de práticas socioculturais na formação de professores de Matemática. **Revista Exitus**, Santarém, v. 7, n. 2, p. 100-126, ago. 2017.

NASCIMENTO, Maria Leticia Barros Pedroso. Reconhecimento da Sociologia da Infância como área de conhecimento e campo de pesquisa: algumas considerações. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de; FINCO, Daniela (org.). **Sociologia da Infância no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2011 (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo; 102).

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. Tradução de Jerusa Ferreira, Maria Lucia Pochat e Maria Inês de Almeida. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2010.

Fontes orais

Ana Paula, 11 anos.

Jeovani, 12 anos.

Mirella, 9 anos.

Notas

ⁱ Mirella, informação verbal, 2021.

ⁱⁱ Jeovani, informação verbal, 2021.

Sobre os autores

Tatiana Cristina Vasconcelos Maia

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemáticas da Universidade Federal do Pará (UFPA); mestrado em Educação pela Universidade do Estado do Pará, Graduação em Pedagogia; Especialista em Gestão Educacional e em Educação Infantil, ambas pela UFPA. Coordenadora do Centro de Referência e Inclusão da Secretaria Municipal de Educação de Belém (SEMEC); Membro do Conselho Municipal de Educação (CME). Integrante do Grupo de Pesquisa Práticas Socioculturais e Educação Matemática (GPSEM); Membro do Fórum de Educação Infantil do Estado do Pará (FEIPA); Membro do Movimento de Contadores de Histórias da Amazônia (MOCOHAM). E-mail: tat_maia@hotmail.com Orcid: 0000-0002-6022-4263

Carlos Aldemir Farias da Silva

Professor da Universidade Federal do Pará, onde atua como docente permanente do Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências e Matemáticas, linha de pesquisa Docência e Diversidade. É graduado em Ciências Sociais e mestre em Educação, ambos pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, e doutor em Ciências Sociais (Antropologia) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP). Vice-líder do Grupo de Pesquisa Práticas Socioculturais e Educação Matemática (GPSEM) e Coordenador da coleção Contextos da Ciência na Editora Livraria da Física (São Paulo). E-mail: carlosfarias1@gmail.com Orcid: 0000-0001-5463-1316

Recebido em: 14/07/2023

Aceito para publicação em: 24/09/2023